

***Seta Despedida* de Maria Judite de Carvalho :
uma forma abreviada sobre a dificuldade de viver**

**José Manuel da Costa Esteves
Cátedra Lindley Cintra
Université Paris Ouest Nanterre La Défense**

(Artigo publicado no *Cahier du Crepal. Le conte en langue portugaise*, n° 6, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, dir. de Anne-Marie Quint, 1999 ; este texto foi também incluído no livro ***O Imaginário de Maria Judite de Carvalho (1921-98)***, volume de homenagem à escritora no 1-º aniversário da sua morte, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1999, [com autorização da Professora Anne-Maria Quint]).

Résumé : Après avoir souligné la difficulté que l'on a à reconstituer l'oeuvre de Maria Judite de Carvalho, une des voix les plus originales de la littérature portugaise de notre siècle, après avoir rappelé la diversité de cette oeuvre et en avoir donné la thématique, marquée par le désarroi, la peur de vivre au quotidien, la solitude, l'auteur analyse le dernier livre publié par Maria Judite, *Seta Despedida (Flèche lancée)*, paru en 1995. Dans les douze "contes" de ce livre, l'écrivain, avec une sobriété et une densité remarquables, montre mieux que jamais la fragilité de la condition humaine ; face à cette fragilité, l'oeuvre, réduite à l'essentiel, se présente comme un espoir de vaincre la fuite du temps.

Será difícil para o leitor dos nossos dias reconstituir a obra de Maria Judite de Carvalho, inaugurada em 1959 com a publicação do volume de contos *Tanta Gente, Mariana*, e encerrada em vida da autora, em 1995, com a publicação de *Seta Despedida*¹, unanimamente reconhecida e saudada pela crítica literária como uma das vozes mais originais da literatura portuguesa deste século, detentora de vários prémios literários², Maria Judite de Carvalho permanece, no entanto, um nome afastado do grande público, como testemunha a quase inexistência de reedições dos seus primeiros livros.

O auto-afastamento das luzes da ribalta, o seu isolamento e solidão, aliando um grande rigor ético a um forte sentido estético, produzindo, ao longo de uma vida

1. Após a sua morte, a imprensa noticiou que a autora deixou organizados para publicação dois volumes inéditos a serem lançados no Outono de 1998 pelas Edições Europa-América : um volume de poemas, *A Flor que havia na Água Parada* e uma peça de teatro, *Havemos de rir ?*

2. *As Palavras Pougadas*, 1961, Prémio Camilo Castelo Branco, da S.P.A. ; *Este Tempo*, 1991, Prémio da Crónica A.P.E. ; *Seta Despedida*, 1995, Prémio da Associação Internacional de Críticos Literários, Prémio Pen-Clube, Prémio Revista *Máxima*. Prémio da A.P.E. ; Prémio Vergílio Ferreira atribuído ao conjunto da sua obra

literária com a duração de trinta e seis anos, novelas, contos e crónicas, a sua obra erige como lugares centrais a solidão, a incomunicabilidade, os desencontros, a frustração humana, a efemeridade da vida, as múltiplas violências que se abatem sobre nós no quotidiano, a inexorabilidade do tempo que passa e que nos vai deixando cada vez mais esvaziados, secos, despidos, sós.

Esta obra feita *em* solidão, é também feita *de* solidão, porque as várias vozes narrativas que a percorrem falam sempre desse lugar deserto do desencanto onde o paraíso não tem lugar (como inversamente o não tem o inferno), mas onde brota a fonte da lucidez de um olhar magoado sobre a existência humana e a dificuldade de viver. Em Maria Judite de Carvalho a solidão habita-se, porque ela é a casa onde se mora (muitas vezes em quartos alugados ou casas sub-alugadas já mobiladas), é a paisagem urbana, é o ar irrespirável, é o corpo/invólucro no qual o coração não metaforiza os sentimentos, mas onde é apenas um órgão fisiológico que se cansa com o decorrer dos anos. Solitária, mas profundamente solidária com o seu tempo, com a História, com os mais profundos anseios e inquietações do homem num universo que tende a apagar o seu papel de sujeito.

O leitor de jornais tem, no entanto, certamente, o seu nome bem gravado, pois Maria Judite de Carvalho publicou com regularidade crónicas em jornais e revistas. A sua actividade de colaboradora assídua de vários jornais efectua-se em dois ciclos : um que vai de 1968 a 1975 (colabora em *O Século*, *A República*, *Diário Popular*, *Diário de Notícias*, *Diário de Lisboa*, sendo neste último a directora do suplemento "Mulheres") e outro que vai de 1978 a 1984 (*O Jornal*, *Eva*, *O Escritório*, *Come e Cala*, *Mulher*, publicando nesta revista com o pseudónimo de Emília Bravo). Algumas dessas crónicas foram recolhidas pela autora em *A Janela Fingida*, 1975, *O Homem no Arame*, 1979 e por outros autores em *Este Tempo*, 1991. Segundo Ruth Navas³, haverá ainda cerca de seiscentas crónicas publicadas na imprensa e que não foram recolhidas em livros. Muitos dos seus contos ou novelas foram também inicialmente publicados em jornais ou revistas e só mais tarde inseridos em livros pela autora.

Tentemos uma aproximação global da obra, antes de nos situarmos em *Seta Despedida*. Assistimos a um caso de continuidade desde a primeira obra, pois nela já se inscrevem as características que a irão sempre percorrer, nomeadamente a tendência para os textos breves e curtos, a alternância entre novela, conto e crónica e o carácter intimista, na primeira ou terceira pessoa, mas, neste último caso, com a irrupção do monólogo interior.

A sua obra é atravessada pelas peripécias da história mundial e as suas consequências a nível nacional durante as décadas de 50 e 60. O regime fascista vigente em Portugal está na origem da decepção que destrói as esperanças políticas e sociais no período do pós-guerra. Nessa época erige-se uma literatura profundamente empenhada na luta social ao mesmo tempo que se evidencia outra tendência literária que aspira à evasão e ao sonho face à clausura do país (tendência neo-realista, iniciada em Portugal com a publicação de *Gaibéus* de Alves Redol, em 1940, e primeiras manifestações do *Grupo Surrealista de Lisboa*, em 1947). Portugal vivia num tempo parado, suspenso no

³ Ruth Navas, *Le Document Vécu chez Maria Judite de Carvalho*, Mémoire de D.E.A. apresentado na Université de Paris-Sorbonne (Paris IV), orientado pelo Prof. Doutor José da Silva Terra, 1989

vácuo, como se nada se passasse, em total ruptura com a realidade contemporânea (lembramos o início das guerras coloniais em 1960, o peso da polícia política e da censura, como instrumentos poderosos do regime).

Este clima de fechamento e clausura, onde nada parece acontecer, em que um dia se acrescenta a outro dia, é magistralmente reconstituído no universo da autora. Em todos os seus livros se fala de pessoas e da sua infinita solidão, de pessoas que sofrem a acção de uma violência imposta pela sociedade em que as personagens se asfixiam no real ou se evadem pelo sonho e a imaginação. As situações de solidão são quase sempre acompanhadas por situações de revés e falência : a falência do amor, a falência da esperança, a falência dos projectos. Nada é como deveria ser : os caminhos são quase sempre paralelos, o desencontro é permanente e quando há encontro há desentendimento na maneira de se conceber a vida, provocando-se um choque de solidões. Esta visão melancólica e magoada da vida entronca na mais pura tradição literária portuguesa, onde a visão lírica se alia a uma impressão dum destino irreparável, sem, no entanto, jamais roçar o trágico. Escrita de grande rigor e contenção, as lágrimas são represadas, os gritos abafados, criando-nos a sensação de ouvirmos, à flor da página, os murmúrios, as vozes apenas balbuciadas, como se tivessem medo de falar, como se nunca pudessem ser, representar no teatro da vida. A resignação, a desistência ou a evasão, colocam as personagens em permanente situação de exílio interior face à violência sinuosa que atravessa as coisas e os dias.

Maria Judite de Carvalho conta pedaços de vida de pessoas banais, sem história, limitadas pelas circunstâncias do quotidiano ou profissionais. Este universo aproxima-se da reportagem, do vivido, nunca há qualquer espécie de julgamento, de moral ou de valor, mesmo nas situações de desistência ou de suicídio. Os seus textos tornam-se retratos da sociedade portuguesa, pois fazem a história, a crónica de um tempo português, embora se privilegie a classe média ou a pequena burguesia citadina através de personagens resignadas e alienadas que sobrevivem, num universo emparedado, sem qualquer horizonte. Assim, está sempre no primeiro plano a vida interior, através do monólogo, signo e sinal da incomunicabilidade extrema e de isolamento total. Tal é o retrato que a autora nos dá de um país que asfixiava vergado à força pela máquina devastadora do estado fascista. O elemento político em Maria Judite de Carvalho, nunca resulta de uma explicitação de ideais sociais ou *slogans*, é sempre o resultado de informações triviais e banais sobre a sociedade portuguesa. As histórias que se contam são as de homens ou mulheres (quase sempre mulheres) semelhantes em tudo àqueles com quem nos cruzamos numa grande cidade, sem suspeitarmos sequer do pequeno drama silencioso que os mina ou sem crermos que essas pessoas também são habitadas por sonhos que nunca realizarão, pessoas que brilham um segundo diante de nós na sua existência efémera para mergulharem na penumbra da indiferença ou do esquecimento. O que existirá por detrás do rectângulo de uma janela fechada (lembramos o título significativo do seu primeiro livro de crónicas: *A Janela Fingida*, janela que por ser fingida não estabelece a comunicação com o exterior, remetendo, sim, para o interior) ? O que existirá por detrás da máscara de um rosto (*Além do Quadro*) ou da monotonia de uma vida perfeitamente ordenada e vulgar (*Paisagem Sem Barcos*) ? Na aparência nada, como se a vida passasse ao largo.

Maria Judite de Carvalho penetra nesse nada com um olhar lúcido e sensível para no-lo descobrir e revelar, esses pequenos e breves instantes de existências sem história. O conto e a crónica são as formas privilegiadas pela autora para nos restituir um real outro

que se esconde sob a usura de gestos repetidos. Escrita implacável, dotada de uma grande serenidade, atenta às pequenas pulsões da afectividade, sem cair nunca no sentimentalismo, onde cada palavra tem o seu peso (mesmo quando se fala de futilidades), escrita inventiva, com registos de ruptura num quadro de contornos clássicos. A propósito de *As Palavras Poupadas* diz Jacinto do Prado Coelho :

O estilo de Maria Judite de Carvalho não apresenta um sinal de rebusca ou uma palavra a mais. Pelo contrário: sugere, penetra, define, magoa, pela estrita economia das palavras, por uma admirável contenção (...), é um estilo original na sua autenticidade, na sua música própria. Distingue-se pela justeza inesperada do adjectivo, pela frase nominal, um adjectivo, um substantivo isolados, em foco, dando a ênfase emocional com uma febre lúcida⁴.

É essa lucidez que permite penetrar nos labirintos da solidão e nos traumas individuais de existências nas quais a vida parece não ter sido insuflada e que nos coloca perante textos amargos, onde perpassa uma fina angústia resultante de uma enunciação rasante e cortante como uma lâmina. O seu olhar demora-se nos pormenores, palavras e gestos. O poder de explosão dos textos da escritora reside na concisão, no rigor, sem que nunca percam o fascínio do poder de sugestão.

Às vezes a situação de falência nem nome tem, pode ser apenas um estado de espírito, ou uma vaga ideia obsessiva e as personagens procuram o esquecimento ou caem numa espécie de adormecimento semi-inconsciente, uma forma de desistência, uma forma de morte. O conflito vida/morte é mediatizado por uma certa atemporalidade. Mas, na obra de Maria Judite de Carvalho, a arte de transfiguração do quotidiano, do nosso pequeno mundo, está ligada à forte capacidade de apreensão do tempo, de modo a dar visibilidade ao fugidio.

Falámos até agora do grande tema da obra da escritora : a solidão. Mas, talvez, este tema esteja intrinsecamente ligado a um outro, o do mistério da passagem do tempo. A mistura de tempos, presente e passado, dá a impressão de um destino irreparável, como se alguma coisa fizesse mover as personagens no palco. No entanto, este pessimismo iluminado, em que a vida é uma espécie de antecipação da morte, com a plena consciência da efemeridade da vida, não exclui um sentido muito fino da ironia. É, aliás, esta dimensão que afasta um pouco Maria Judite de Carvalho da influência existencialista (na esteira de Sartre) de pendor mais filosófico (e mais visível na fase inicial da sua obra) para, com pinceladas de concisão (e recordemos que após a sua morte, ocorrida em Janeiro de 1998, a imprensa revelou que a escritora era também desenhadora e pintora) captar o que há de essencial no instante. A partir do banal, do quotidiano, das falas anónimas, do *fait divers*, de elementos mínimos e fragmentários, Maria Judite de Carvalho atinge o universal. As suas novelas ou contos põem em evidência personagens sem existência, sem passado, como se vivessem num insustentável vácuo, preenchem corporalmente o espaço e o tempo, vivendo entre dois pontos : o nascimento e a morte. O medo de viver acossa-as, aprisiona-as em hábitos e preconceitos anquilosados, em normas conservadoras e atávicas.

Num universo desta natureza, no qual tudo é fugidio, vago, movediço, a brevidade torna-se um elemento essencial de modo a poder captar tudo o que desaparece. Há,

⁴ Jacinto do Prado Coelho, "Maria Judite de Carvalho : *As Palavras Poupadas*", in *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, IN/CM 1980, p. 278.

assim, na sua obra uma preferência evidente pelas formas narrativas curtas. Nas novelas ou nos contos surgem personagens de densidade psicológica, matizadas de implicações sociais, evidentes no recorte em filigrana de indeléveis gestos ou atitudes e que fazem sobressair uma particular atenção ao desenrolar do tempo do quotidiano levando a escritora à prática do fragmentário e, sobretudo, da crónica.

Se no conto há por definição uma economia temporal, é na crónica, género que Maria Judite de Carvalho praticou ao longo da sua vida, que melhor se define o seu processo de criação romanesca. Aí se fundem o tempo e o eu porque o real é forçosamente subjectivo. Ora a crónica define-se, segundo Maria Alzira Seixo, como uma

[...] narração seriada, do ponto de vista cronológico, de factos passados ou presentes, focalizando não tanto a duração contínua do acontecer como a duração restrita de factos sucedidos (remetendo para pequenas histórias, acontecimentos avulsos⁵).

Na crónica a emergência do sujeito constitui, assim, o seu traço distintivo, fazendo com que a história que se conta não seja o mais importante no enunciado, mas sim a própria enunciação.

No último livro publicado em vida da autora, *Seta Despedida*⁶, constituído por doze pequenas narrativas, a fronteira entre conto e crónica é muito ténue. Aliás, este livro pode ser considerado como o resumo e corolário de toda a obra.

Muitas vezes os seus contos são simples incidentes do quotidiano, com significado humano, que suporta o desenrolar da acção, muito próximos do registo da crónica. As suas crónicas são também, muitas vezes, esboços de contos (mais próximos das *shorts stories*), onde existe uma componente narrativa não desenvolvida em termos de acção, espaço e personagens. A não explicitação do género por parte da autora e a ambiguidade latente neste livro, faz com que o leitor os possa ler segundo o seu horizonte de leitura : ou como um mistério que tem a sua epifania no final (inclinando-se, assim, mais para o lado do conto), ou como uma amplificação da voz colectiva dando a fala aos que a não têm (aproximando-se neste caso mais da crónica),

⁵ *Categorias da Narrativa*, Prefácio de Maria Alzira Seixo, Lisboa, Ed. Arcádia, 1976, p 14.

⁶ *Seta Despedida*, Mem-Martins, Publ. Europa-América, 1995. Todas as citações feitas são retiradas desta edição

Em *Seta Despedida*, Maria Judite de Carvalho dá-nos, através de uma escrita, sóbria e fina, cheia de constatações irónicas, uma visão do ser humano, sem qualquer laivo de paixão. Neste universo implacável, as personagens enfrentam situações sem saída, mergulhadas na alienação, de uma forma quase mórbida. Nunca o abandono, a marginalização afectiva, social e geracional das suas personagens, a desistência até ao suicídio, foram tão evidentes. A visão dramática da existência humana é apenas atenuada pelo humor e a ironia. Nos doze textos que o compõem insinua-se uma voz murmurada e discreta com um tom desencantado que evidencia a crueldade do homem, a solidão, a desilusão, a irreversibilidade do tempo, a incomunicabilidade e a dificuldade de viver.

O conto epónimo "*Seta Despedida*" é o relato da história de uma cleptómana reincidente, mas pode também ser lido como uma constatação terrífica da inexorabilidade do destino, através de pequenos episódios (mais próximos do registo da crónica) onde se insinua o esquecimento, a morte, a indiferenciação :

E o tempo foi passando. Seta despedida não volta ao arco. (p. 19)

No conto e no livro a "Seta despedida" é a figura de um destino que sofreu a irreversibilidade do tempo e a impossibilidade de recomeço. Desferida a seta, a personagem mergulha numa rotina onde viver equivale a estar morto, porque tudo e todos são sombras, manequins, fantasmas:

Viu vagamente pessoas, as que ali tinham estado e outras, e elas apareciam-lhe soltas, nem uma raiz, nem uma aura que as prolongasse até si, que a aflorasse sequer. Tão subitamente estranhas, as pessoas ; manequins falantes, passeando como manequins, e ela acabando por ser um deles, embora imperfeito. (p. 24)

Tudo se repete sem surpresas e sem segredos. O adjectivo verbal "despedida" pode assim remeter também para uma repetição do tempo ou de suspensão do movimento e do sentido.

Manuel de Gusmão⁷ coloca também a possibilidade de se poder entender "despedida", mantendo a irreversibilidade do tempo, o sentido já determinado por um arco e um arqueiro invisíveis, como um nome, ou seja o gesto ou acção de dizer adeus da parte de quem se separa ou se vai separar. De facto, quase todas as personagens deste livro vivem como se se despedissem ou simplesmente dizem que alguém se vai. Os desencontros são mais do que nunca irreparáveis, os encontros são fugazes. Em todos os textos há despedidas, literais ou figuradas, há alguém que morre ou quase morre :

E acordava sempre sem vontade de viver. (*A Absolição*, p. 61).

Pôs-se então a pensar com muita força, a que podia, que queria morrer e resolveu não respirar e ficou muito quieta, à espera do fim. (*A Alta*, p. 71).

Deixou-se escorregar para uma cadeira que havia no quarto do filho e fora a sua cadeira de trabalho, e fechou para sempre os olhos. (*As Impressões Digitais*, p. 85).

⁷ Manuel de Gusmão, "A arte narrativa de Maria Judite", in *Jornal de Letras*, n.º 667, de 22/ 5 / 98.

O motor ia diminuindo de velocidade e ela sentiu-se muito cansada [...]. Então caminhou com dificuldade para a cama, deitou-se e fechou os olhos. (*Sentido Único*, p. 109).

Fora verde o seu último vestido de mulher viva. O outro seria o que quisessem, uma veste que já não lhe diria respeito. (*A Mancha Verde*, p.129)

A desorientação no espaço e no tempo lança as personagens no vazio onde se instala o absurdo e a indiferenciação :

Porque a caneca era, de súbito, uma caneca de loiça que se quebrou, acontece, tudo está condenado. Sentia-se num lugar estranho, quieta e um pouco atordoada, e sem bússola. (*Seta Despedida*, p. 26)

[...] perdeu a bússola não sabe onde nem quando, perdeu tanta coisa sem ser a bússola. Perdeu ou largou" (*George*, p. 31)

Do primeiro ao último texto, a constatação da proximidade da morte (morte figurada, escolhida ou por doença) em títulos como *Vínculo Precário*, *Absolvição*, *Impressões Digitais*, *Sentido Único*, *O Grito*, passando pela sua revelação através do sonho em *Frio* (com o qual termina o livro), fez pensar na seta desferida desde o título até ao alvo (o frio), o fim do tempo, o fim da vida. Significativamente *Seta Despedida* é o último livro da autora, sendo impossível não ver nele uma despedida magoada de um tempo esvaziado para onde o homem foi empurrado, prisioneiro desde que os dados foram lançados :

À sua volta as pessoas caminhavam como formigas que se ignoram, que ignoram, enfim, a sua qualidade de formigas. Que estranhas deviam ser, vistas do alto, todas iguais, sem idade nem sexo nem cor. Formigas que o divino pé, caminhando incessantemente pelo mundo, ia poupano, ia esmagando ao acaso. (*Vínculo Precário*, p. 88)

O clima de doença e de velhice são sempre dados com uma arte sóbria, despojada, mas modulada numa clareza e crueza discretas:

Houvera uma ideia. Pior, houvera uma ameaça. E traduziu-a em palavras que lhe diziam que o voo terminara há muito e que ela não se dera conta. Há muito. Recusara-se, no entanto, a regressar à terra e agora o tombo fora violento. É grande, pode ser grande um milímetro. (*A Mancha Verde*, p. 127)

A fragilidade da condição humana, a efemeridade e a brevidade são aqui dadas pelo sentido de queda, o "tombo" que em qualquer momento pode interromper o voo.

A aparente simplicidade da linguagem não pode deixar de ser perturbadora. Uma linguagem pouco ornamentada, essencial, depurada, torna-se o lugar de questionamento do real, pondo-o em causa, inscrevendo assim a transformação no tempo. A contenção da linguagem não será uma forma de pôr em evidência a resistência ao tempo ? Falar de tudo o que nos rodeia, mesmo a dor e a morte, é talvez o último gesto possível daquele que saboreia a vitória sobre tudo o que desaparece para o fazer renascer, mais tarde, nesse lugar sonhado onde se pode inscrever a libertação do homem. A escrita de

Maria Judite de Carvalho, cheia de pulsões vitais, erige-se lucidamente contra o mundo decadente, cheio de ruínas, destroços e fantasmas que o autor aprisiona.

Nestes textos não há praticamente lugar para descrições. A descrição, espalhando a narrativa no espaço, contribuiria para o seu prolongamento, demoraria a narrativa, não lhe conferiria a fugacidade que é a do próprio universo que se quer dizer. *Seta Despedida* prolonga as tendências anteriores e trabalha sobre o difícil equilíbrio necessário a géneros construídos sobre a brevidade dando desta forma continuação à temática da dificuldade de viver.

Reduzido ao essencial, para que uma transformação seja possível, apesar de tudo o que desaparece, a obra oferece-se com uma maior capacidade de resistência ao tempo. A obra de Maria Judite é ela própria o grito pressentido, e sempre abafado, vitorioso sobre a morte, porque esse dizer literário é ainda uma forma última, e talvez a única, da esperança e o entrever de uma alegria.